

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO: MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todas as peças de assinaturas e números
anuais: em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, Rua
de Belém, Lisboa; e no Brasil, ao sr. José de
Melo, 37, rua de Quincas, Rio de Janeiro.
Preço do número é Paris, 1 franc.

6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 23

PARIS 5 DE DEZEMBRO DE 1889

Gerente em Portugal e Brasil: DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS:

ANNO (Ano):	12,000 REIS
MESMEIRA (CORTE):	6,000 —
ANNO (PROVÍNCIA):	14,000 —
AVULSO:	500 —



O MARECHAL DEODORO DA FONSECA
Presidente do governo provisório.



BENJAMIN CONSTANT
Ministro da Guerra.



QUINTINO BOCAJUVA
Ministro dos negócios estrangeiros.



RUY BARBOSA
Ministro da Fazenda.



CHRONICA

ONDE ESTA O PERIGO...

A PROPOSITO da revolução brasileira que em poucas horas aboliu a Monarquia, proclamou a República, e expulsou para o Exterior o imperador D. Pedro e toda a família imperial, — a imprensa portuguesa, isto é, a imprensa monarchica, temendo que eguns acontecimentos se possam dar em Portugal, tem sugerido ao governo o ato ao Chefe do Estado, a necessidade de serem inergicos, de fazerem respeitar as leis vigentes, e de acabarem de vez com a velha tradição da bravura dos nossos costumes.

Por outras palavras: — o que a imprensa monarchica portuguesa deseja, é que o governo de S. M. El-Rei o sr. D. Carlos I dê para baixo em todos quantos não estiverem d'acordo, e em todos quantos protestarem contra o modo como as instituições vigentes dinigem e administram os negócios da nação.

Sobre este assunto, sem de modo algum querer involverne questão de saber se a Monarquia é mais útil que a Republica para a felicidade dos povos, ou vice-versa, peço licença para tambem dizer duas palavras... duas palavras de protesto.

Não tem sido a bravura dos nossos costumes que nos tem arrastado para esta desmoralização d'ideias, de principios e de caracteres, em que hoje se debate a família portuguesa. Quem tem tem arrastado para semelhante aviltamento e para semelhante desmoralização, tem sido justamente os homens que nestes últimos cinquenta annos tem atravessado as regiões do poder.

Hoje que, numa monarchia sahita da casa de Bragança cai por terra, vítima dos mesmos erros que diariamente se praticam em Portugal, — a imprensa monarchica portuguesa procura lançar as culpas da nossa decadência e da nossa falta de carácter sobre um partido de oposição — sobre o partido republicano — e pede ao governo que seja inexorável.

E parece que o perigo para a monarchia portuguesa vem exclusivamente dos amigos do Século — quando o perigo vem unicamente da imprensa monarchica e dos proprios erros, das proprias inconsequencias, da monarchia.

Hoje em Portugal, todo o homem absolutamente independente, vivendo apenas dos recursos da sua inteligencia, do seu braço, ou da sua terra, longe de toda e qualquer influencia ou protecção do Estado, — é um homem que sofre do actual estado de coisas. D'aqui provém que todo o homem independente é hoje em Portugal — um descontente. Da maior parte destes descontentes é que se tem formado o partido republicano. D'aqui provém a força d'esse partido, onde os homens eminentes que preferem acariciar um ideal talvez irrealisvel, mas que os não traem, do que entrar para um partido que não tem independência de critica, e que não possa dizer em voz alta, ao Chefe do Estado, de que lado está o erro, de que lado está o perigo.

* * *

N'estes ultimos annos o maior erro da monarchia tem sido deixar-se envenerizar d'um voluntarismo solitario, e sacrificá a dignidade e o prestigio da Religião, aos berros dos demagogos de Xabregas e de Alcantara.

Nunca paiz essencialmente religioso como é Portugal, enium momento historico em que a

alma humana desiludida de todas as philosophias pede novamente ás religiões a Confiança e a Fé, — olhar a Religião como uma velharia de mau gosto, e os Templos como covis de Ridículo etc. Aborreccimento, é o maior e o mais irreparavel dos males. E por uma falsa e prudhemesca compreensão de que seja civilização e progresso, os governos monarchicas para ver se limpavam Portugal dos ultimos vestígios de pietosco, foram retrahindo todas as manifestações exteriores do culto, e fizeros das igrejas o refúgio da caralice e do namoro.

Admitido mesmo que aos olhos da Philosophia — não da Ante — a religião tenha um lado ridículo: o Rito, tem um lado que é digno de todo o respeito: a Moral. E talvez não esteja longe o dia, em que para bem da massa, haja uma solemne reconciliação entre os philosophos e os sacerdotes.

Ora o povo a quem ensinaram a desdenhar dos pregadores sagrados, não tendo escolas nem salas de conferencia onde escutar philosophos, nem philosophos para escutar, que faz? Deitou a correr para os meetings republicanos.

Juntam a isto o procedimento de todos os governos, desde o reinado do sr. D. Maria II ate ao reinado do sr. D. Luiz I, fazendo de todos os padres, de todos os sacerdotes d'aldeia, verdadeiros galopins eleitorais; fazendo de atrair, do pulpito e da prega, instrumentos a favor do candidato progressista, ou do candidato regenerador; fazendo dos padres reles ministros da mensura, da interiga e da trica eleitoral; — e verão como é que os partidos monarchicos tem contribuido em maior escala para a anarchia em que vivemos, do que todos os apostolos do partido republicano...

E não fai só a Religião, uma das forças capitais das monarchias, o que os governos ou os Chefes do Estado n'estes ultimos cinquenta annos desmoralisaram, desprestigiam, e lançaram no ridiculo. Foi também um outro sustentaculo dos Thronos — Aristocracia.

Já não temos uma Aristocracia em Portugal. A aristocracia portuguesa já não é esplendor da monarchia, porque já não representa a tradição, porque já não representa historia. A verdadeira aristocracia achasse vencida pela multidão d'esses barões, condes e marqueses, feitos barões, condes e marqueses, depois de terem amontoado varios contos de reis no commercio mais ou menos lícito da batata, do vinho, do tabaco, do bacalhau escalado, — quando não foram amontoados nos descontos de letras vendendo juros de com par cento ao mês!

N'uma das minhas ultimas visitas aos velhos alfarrabistas de Lisboa, descobri um almanach português de 1800, onde ha os *Casas titulares de Portugal por ordem alfabetica*. Quantam saber como ainda ha 80 annos se chamavam alguns aristocraticos portugueses?... Marquez de Alorna — Conde de Alva — Visconde de Barocena — Conde de Bobadilla — Duque de Cadaval — Duque de Lafões — Marquez de Lourical — Marquez de Marialva — Conde de Povolide — Conde de Villadurres — Conde de Vimioso — Conde de Villa-Verde, etc.

Enquanto que hoje os condes saem dos almofarizes daspharmacias, dos frascos de xaropes, e das casas de prego! — — —

Mas a causa fundamental da desmoralização que pode um dia acarretar uma revolução de carácter identico à que rebentou no Brazil, — consiste na indisciplina das classes.

Nunca um paiz se desmoralisou em menos espaço de tempo, como o nosso. Cinquenta annos de falso governo constitucional bastaram, para nos lancar na mais perigosa e delicada crise — a crise das liberdades mal comprehendidas, e dos falsos principios triunfantes.

Vão hoje dizer ao amanhecer que é regene-

rador, que não pode vir para os jornais do seu partido discutir e censurar os actos do chefe da sua repartição: ainda mais, do seu ministro, por que é progressista! Vão-lhe hoje dizer que uma tal falta de respeito aos seus superiores implica censura; se recomeça, é suspensa; se rebola, é demitido!. Digam-lhe que um empregado d'uma repartição publica não tem o direito de discutir na imprensa os actos dos seus chefes hierarchicos; se estes actos não estão d'accordo com a sua dignidade, dá a sua demissão, e diz depois o que quer, e grita como quiser. Mas burocrata e jornalista político ao mesmo tempo, é que não pode ser. Chamam ladão ao ministro sob as ordens do qual trabalha, e nem se demitiu, nem o ministro ter a coragem de demitir o empregado desobediente — é o que é de todo o ponto inadmissivel, vergonhoso e imoral.. .

Mas o que se passa nas regiões burocraticas tem um vulto maior, quando passamos para a vida militar. Enfia aqui, n'um meio onde a disciplina tem de ser a base da propria força, e do respeito que o exercito deve infundir á nação — ver os officiaes fazendo politica, atacaram na imprensa os seus chefes, os generales, os commandantes de divisão, os ministros da guerra... o que ha de mais profundamente carnavalesco, mas tambem de mais profundamente desconsolador.

Querem exemplos do que é a disciplina das classes, a compreensão das liberdades e dos deveres de cada cidadão, n'uma sociedade republicana?... Olham para França, onde são demitidos todos os empregados publicos que se manifestem a favor de Boulanger, e contra o ministerio Tigrard-Constans, onde são castigados severamente todos os officiaes que publicamente se ocupam de política; onde é prohibido aos militares escreverem nos jornais politicos; onde os officiaes não podem ser eleitos deputados; onde um oficial não pode fazer um desmentido n'um jornal, sem autorização previa do commandante do seu corpo; onde o brillante escriptor Pierre Loti, officiai da marinha francesa, teve quinze dias de castigo, por ter mandado do Tonkin para o Figarouma descrição sangrenta d'um combate a naval em que havia tomado parte...

Outra causa da nossa desmoralização crescente é a decadencia em que se acha a nossa instrução secundaria.

Coimbra continua a ser o velho caldeirão de convento onde se preparam por anno centenas de bachareis, sem a mais leve preparação para qualquer profissão liberal.

O Curso superior de Letras passou ao estudo de curso superior para pedantes e insignificantes.

Os nossos lycées são baixos para especulações de ensino, sob a salvaguarda da protecção d'um famoso Conselho superior d'instrucción publica, ao qual ninguem ouse dirigir a mais leve critica, nem a mais incisiva censura.

Querem exemplos? Que os pais que neste momento me estão lendo se deem ao trabalho de folhejar e de ler os livros por onde os seus filhos estudam nos lycées, — e terão a prova da audacia a que chegou o syndicato dos professores d'instrucción secundaria, publicando livros singelos de banalidades e de erros, que fazem apavorar pelo tal conselho superior, e que os alunos dos nossos lycées são obrigados a comprar por preços fabulosos.

Ainda ha poucos meses se reuniu o tal Conselho superior d'instrucción publica. E sabes para que, o Senhor Deus Todo Poderoso?... Entre outras infamias, para aprovar para a classe de philosophia um compêndio de Moral do philosopho Cunha Seixas!

E pedem os jornais monarchicas, recebos d'um movimento republicano, ao governo, que

seja energico, e dê um encontro à « proverbial brandura dos nossos costumes ».

A nossa desgraça não é a nossa « proverbial brandura », nem o perigo está na atitude energica e na propaganda activa d'um partido que faz a apologia d'outra forma de governo.

A nossa desgraça e o perigo para a monarquia portuguesa, estão no desleixo e na indisciplina em que vivemos.

A Religião anda desprestigiada; a verdadeira aristocracia foi sacrificada aos mercenários retirados do comércio da manjega e do arroz; o Exercito não tem disciplina; na burocracia não ha respeito hierárquico; o Ensino público achasse sacrificado à especulação audaciosa de meia duzia de professores influentes..

E de cada vez que um espírito independente deseja erguer a voz para protestar contra um abuso, para condenar um erro, para atacar uma ilegalidade, — os homens do poder, ou encolhem os homens, ou riem, ou chamam-lhe desleitado..

E assim vamos, de desleixo em desleixo, de desmazello em desmazello, de abuso em abuso, de ilegalidades em ilegalidade, — até que os contentes com o estado de coisas sejam apenas os servos ou os especuladores do Estado, e a grande maioria da nação, num impeto de revolta, pratique um desses actos de consciência demasiadamente offendida, que marcam época na história dum povo.

Foi o que sucedeu ao Brazil.

Para que nos não suceda o mesmo, é preciso menos indiferença e menos desleixo : — mais coragem e mais patriotismo.

Portugal precisa ser mais alguma coisa, do que uma simples casa de batata eleitoral!...

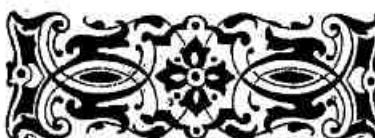
MARIANO PINA.

HOMO-NIHIL

*Ha n'este mundo de contrastes feito
Tanta alegria a um tempo — e tal tristeza
Que an vel-o, como a propria Natureza,
Feito de sombra e luz, ha muito peito
Mordido pelo verme da incerteza...
Uns caminharam — ardentes visionários,
Sem norte pela estrada da existencia
Sempre em voo pergunhando à Consciencia
Porque é que nos seus ingremes Calvários
Não encontram o olhar da Providencia.
Os ouvidos vão sorriendo descuidados
Contemplando com aancia e com ardor
Os longos horizontes luminosos
Do Futuro, da Esperança, do Amor,
E vagando num largo mar de gastos...
Mas ambos — oh! Destino impenetrável!
Imaginando acaso conhecer
O eterno segredo inviolável
Da Causa eterna e sempre inexplicavel
Bendizem-te, maldizem-te, sem ver
Que debalde, debalde tentarão
Surprehender um atomo que seja
Da misteriosa e íntima Rayo
Que é para uns a Fata bemfazeja
E para outros o Mal, a Assolação...
A força estranha, inominada, immensa,
Que te arma o braço, o mythico Destino
E é por igual ao nada pequenino
E o gigantesco cerebro que pensa,
Será então o proprio Ser Divino?
Ninguem o sabe ou saberá jamais!*

*E no entretanto, olhando os céus distantes,
Todos nós — ingenuos caminhantes,
Vamos forjando sonhos, ideias,
E somos hoje — como fomos d'antes!...*

António Vargas



A ILLUSTRAÇÃO 3 VEZES POR MEZ

Teem sido tão numerosas, tão espontâneas e tão sympathicas as adhesões que temos recehido de todos os pontos de Portugal e que começamos a receber do Brasil, acerca da ideia apresentada por alguns srs. assignantes, de que a ILLUSTRAÇÃO passe a publicar-se **trez vezes por mez**, e que, segundo o conselho d'um britânico e hoje assiduo colaborador da ILLUSTRAÇÃO, passarmos a transcrever algumas passagens d'entre as centenas de cartas que temos recebido nos nossos escriptórios de Paris.

Hesitamos muito tempo em semelhante publicidade, que poderia parecer da nossa parte uma excessiva immodéstia. Mas dissimilhamos questões, tornadas públicas, eram o melhor documento de popularidade e das sympathias da nossa revista, e que a ILLUSTRAÇÃO devia dar ao público amostras do seu plasticismo, pondé de paixão e de uma modéstia mal carida n'este momento.

Vejamos pois o que nos diram alguns dos nossos estimáveis leitores:

A minha adesão para que a ILLUSTRAÇÃO se publique 3 vezes por mez de nadia influiria; mas deixa com a maior vontade, pois que quem a liu una vez não pode deixar de a assignar.

Rómulo C. Machado. — Porto.

Publicações com tâmois atractivissimos como tem a ILLUSTRAÇÃO não deviam sair 3 vezes por mez, mas sair 4. Come com a minha assignatura para todos os melhoramentos que emprehender.

Candido José Marinho. — Lisboa.

Applaudo a ideia de publicação da ILLUSTRAÇÃO trez vezes por mez.

Eu desejava mais! Queria que se publicasse quatro vezes em vez de trez.

Gonçalo Raimundo Ferreira. — Lisboa.

Arecio tanto o seu jornal que faço votos para que a maioria opte como eu, para que se publique mais um numero por mez.

D. Luís Machado. — Lisboa.

Sou da opinião de saírem 3 números cada mez, não só para se tornar mais interessante a sua leitura, como para todos os leitores terem mais vezes o jornal que tanto sympathismo tem adquirido em Portugal.

Frederico Carlos D. Cardoso. — Lisboa.

Muito desejaria que este magnifico jornal se publicasse mais uma vez por mez.

Francisco d'António Mimo. — Viana do Castelo.

Em vez de trez números por mez, seria muito melhor quatro.

Tháuma Joaquim d'Almeida. — Mafra.

Sou da opinião que a ILLUSTRAÇÃO passe a publicar-se trez vezes por mez. Sinceros cumprimentos pelas magnificas gravuras acerca da Exposição de Paris.

Manoel Duarte Puga. — Mealhada.

Aprego o numero de 5 números por mez, e se me manifestasse contra seria para pedir um numero por semana.

Abílio Correia da Silva Marcal. — Seraúdo de Bomjardim.

Aprego o publicação da ILLUSTRAÇÃO trez vezes por mez, e felicito a Empresa por ter cumprido cabalmente o seu programma.

Adriano Augusto Fentinha. — Trancoso.

Não posso deixar de manifestar-lhe, como primitivo assignante da ILLUSTRAÇÃO, o quanto me teria agradavel receber 3 vezes por mez a revista que V. tão dignamente redige.

Alexandre Penedo da Cunha e Souza. — Aveiro.

Os meus desejos são que a ILLUSTRAÇÃO seja publicada 3 vezes por mez, tal é o apreço que dou a esse jornal, que V. tão distinguentemente dirige.

Dionísio de Cervalho. — Torres Vedras.

Comunico-lhe com prazer que me parece tão util como agradavel a publicação de trez numeros mensaes da ILLUSTRAÇÃO.

Benjamim de Pinho Camara. — Agueda.

O meu humilde voto vem significar a V. o deseo de que a muito sympathica ILLUSTRAÇÃO visite os seus assignantes 3 vezes por mez.

Luis Ayres Capello. — Guimarães.

Temo V. a approvação para os trez numeros, e agradeço a V. o ter-nos proporcionado um tão bello jornal.

D. Augusto Louzada. — Matosinhos.

Tento a honra de ser um dos mais antigos assignantes da ILLUSTRAÇÃO de que V. é muito digno director. A beleza da parte artística assim como da parte literaria, autoriza a dizer bem alto que é o primeirissimo jornal que se publica em portuguez.

Autorizo polo V. a fazer no seu jornal todas as alterações que julgar convenientes.

José Joaquim J. d'Oliveira Basto. — Caldas das Bocas.

E com summo prazer que participo a V. a minha adesão ao projecto de passar a publicar-se a qualquera trez vezes por mez. Serão mais algumas horas que, com muito gosto, passarei em instructiva leitura das magnificas antigas da ILLUSTRAÇÃO.

Urbano Dias Furtado. — Ponta Delgada.

Associamo os assignantes que desejam 3 numeros por mez da esplendida ILLUSTRAÇÃO.

D. Lucim Augusta de Sousa da Fonseca. — Marinha Grande.

Vou porque a ILLUSTRAÇÃO se publicue trez ou mais vezes por mez, seja o seu preço qual for, porque publicações dessa natureza nem só de mais, e nunca nos cansaremos na sua observação e leitura.

Manuel Baldimiro Gomes dos Santos. — Arribana da Feira.

Applaudo com verdadeiro entusiasmo a ideia de ser publico in 3 Vezes por mez.

E sou mais ainda. Desejaria que a ILLUSTRAÇÃO, tão sincera e a sympathica que lhe consagre, visse a luz quatro vezes por mez. Será possível?

Aproveito a oportunidade para felicitar a V. pelas prosperidades do seu bello jornal; e egunes sentimentos manifesto com relação ao autor da revista! A travez de Paris, que tem agradado muito n'esta cidade.

M. F. da Cunha Junior. — Porto.

Voto pela saída de trez numeros do seu magnifico jornal.

Alfredo Alves. — Porto.

Seria muito do meu agrado se possível fosse terceiro jornal todos os dias.

A. de Castro. — Viana do Castelo.

Assignante e leitor assiduo da ILLUSTRAÇÃO desde a sua fundação, e tendo-me esse jornal tão brilhantemente dirigido por V., proporcionando horas de tanto prazer, seria um ingratuo se não desse o meu voto para se publicar 3 vezes por mez. Desejando n'outros momentos a nessa populartissima ILLUSTRAÇÃO, assignante, etc.

Antônio Branco. — Trancoso.

Aprego que a ILLUSTRAÇÃO seja trez vezes por mez se é que não pode sair quinto.

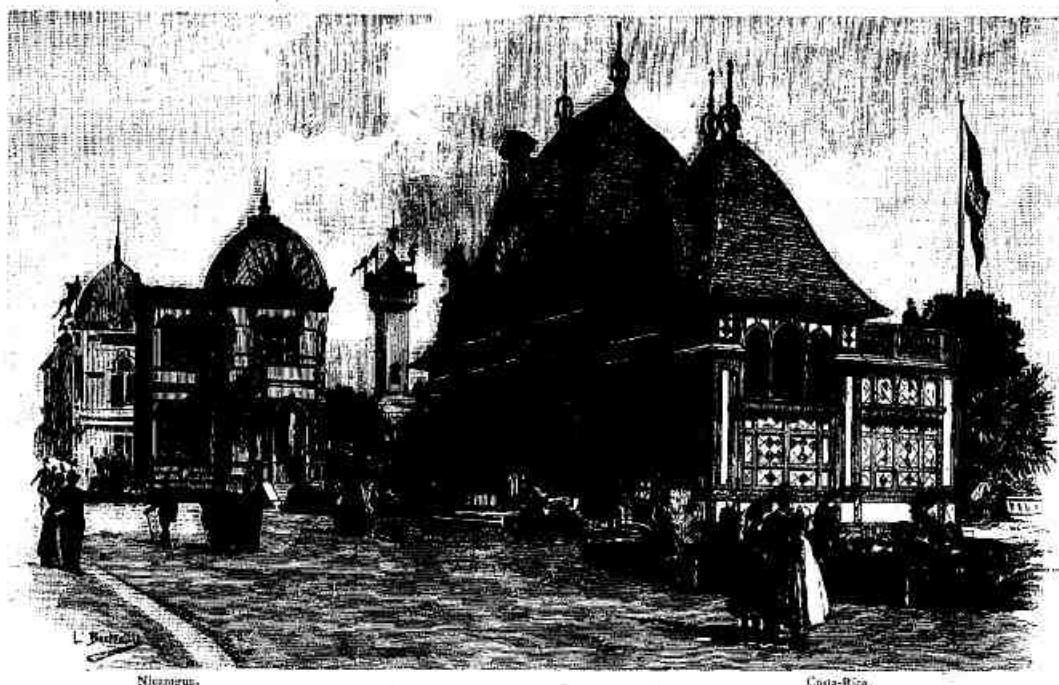
D. Maria de Azevedo. — Porto.

Levo ao conhecimento de V. que gostosamente aprovaria a sua ideia. Faltar ao seu appelo, seria faltar aos

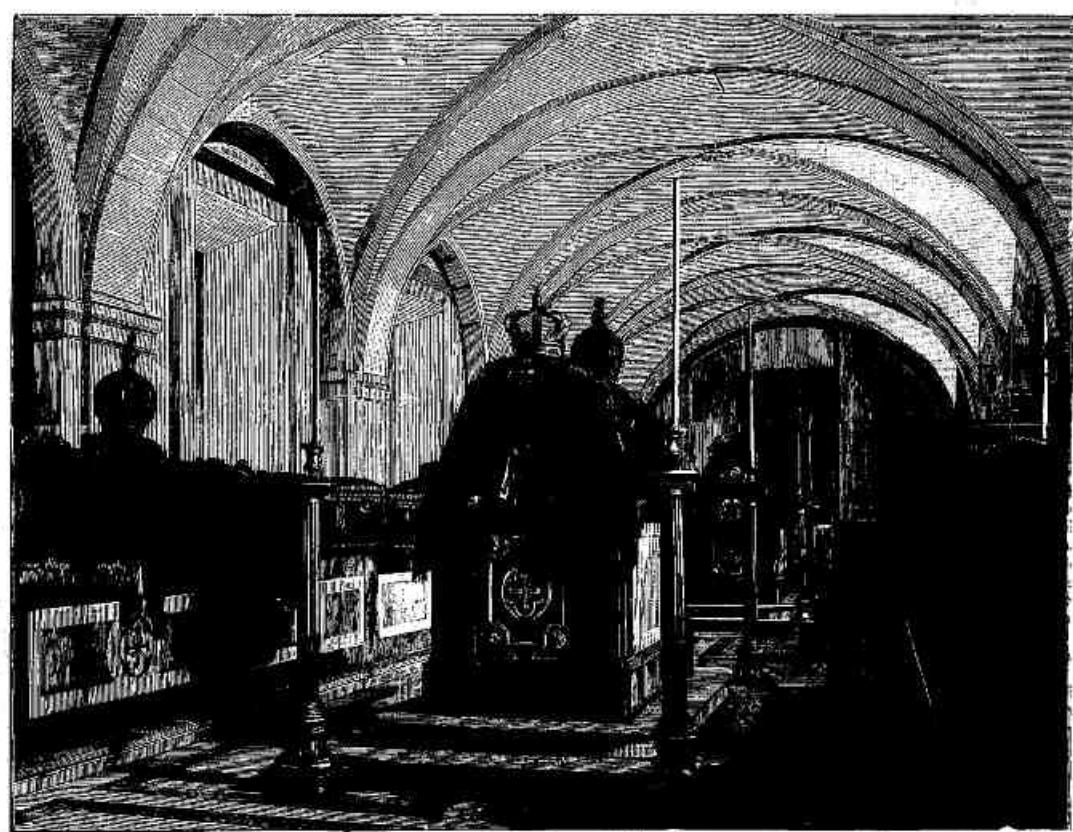


Scènes du COUPE ET LES LÈVRES, de Musset. — LA LUNE, gravissima por Mlle Javomizzi, cantante da Ópera, e Coquelin tanto. — Messenç uacompanhamento piano Mlle Sybile Sanderson.

A FESTA DO Echo de Paris no HOTEL CONTINENTAL.



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — PAVILHÕES ESTRANGEIROS.



O TÚMULO DA FAMÍLIA REAL PORTUGUEZA, NA IGREJA DE SÃO VICENTE DE FÓRA

mais sagrados deveres, pois que sempre se tem esforçado por cumprir o primitivo programma, e sempre tem sido um jornal de primeira ordem, já pela parte literaria, já pela parte artistica. E estaremos sempre do lado de quem sempre tem pugnado pelos interesses da sua patria!...

*José Ferreira. — Luiz de Andrade Villares.
— José Maria Lamas, — Porto.*

Desejo que a ILLUSTRAÇÃO passe a publicizar-se 3 vezes por mês, contanto que figure sempre na pagina principal a prosa do seu sympathico e eminentissimo director.

Alfredo Salgado. — Ceará.

Mas começam agora os elogios directos ao nosso director; e Mariano Pina prefere guardar em silêncio as numerosas provas de sympathy que neste momento tem recebido, do que tornais publicas, agradecendo vivamente aos seus leitores as suas falavras entusiasticas, a absoluta confiança que n'elie depositam, e os cumprimentos muito pessoais que lhe enviam pelo modo como tem dirigido o nosso jornal.

Por estas amostras, tiradas ao acaso d'entre centenas de cartas, se pode ver quanta sympathy conta o nosso jornal. Os leitores da ILLUSTRAÇÃO formam hoje uma grande familia, e a numerosa adhesão das senhoras que nos leem provam que a ILLUSTRAÇÃO está senda a verdadeira revista da familia portuguesa.

E neste sentido que havemos de introduzir varios melhoramentos, satisfazendo ao gosto do publico que nos lê.

E continua aberta a votação. Os leitores, tanto de Portugal como do Brasil, que desejam ou não a ILLUSTRAÇÃO 3 vezes por mês, devem mandar o seu voto num bilhete postal assim dirigido:

DIRECTOR DA ILLUSTRAÇÃO

43, Quai Voltaire, 43

FRANCE

Paris.



AS NOSSAS GRAVURAS

A REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

O IMPÉRIO do Brazil, fundado por D. Pedro IV de Portugal, deixou de existir.

Uma revolta militar que rebentou no Rio de Janeiro, e à frente da qual se achava o marechal Deodoro da Fonseca, convideu o imperador, sr. D. Pedro II a abdicar; a reconhecer o governo provisório que acabava de proclamar a Republica; e a partir com a família imperial para a Europa, a bordo do primeiro paquete que sahisse a barra do Rio de Janeiro.

O imperador que se achava na sua casa de campo em Petropolis, respondeu à intimação dos chefes do movimento, que só cedia à força. Respondeu-lhe que ao movimento havia aderido o exército, a marinha, os principais funcionários do Estado, e a população fluminense.

Em vista da gravidade dos acontecimentos, o imperador, para evitar os horrores d'uma guerra civil, teve de ceder e de partir para a Europa, a bordo d'um paquete mercante, escoltado até lóra das águas brasileiras pelo couraçado Ráuchela.

Uma característica d'esta revolução que muito honra os republicanos brasileiros, é que nenhum dos que intitularam D. Pedro II para partir para a Europa se lembraram de empregar uma palavra hostil contra o imperador, — chegando até a asseverar-lhe que lhe seria garantida a sua lista civil até ao fim dos seus dias. E ao partir o sr. D. Pedro II para a Europa offereçam-lhe 5000 contos (fracos) para as suas despesas de viagem! Como vêem, os

republicanos do Brazil trataram o imperador como se fossem verdadeiros nababos...

Nunca uma revolução contra um chefe d'Estado apresentou um carácter tão conciliador, tão amavel e tão respeitoso.

— a Vossa Magestade já nos não serve como chefe da nação brasileira. O nosso ideal de governo é outro. O império já não satisfaz plenamente os nossos desejos e as nossas necessidades. Resolvemos proclamar a Republica. Mas que com isto não soffra a real pessoa de Vossa Magestade! Queremos que Vossa Magestade possa continuar a ter os mesmos hábitos de vida. Aqui entro 5000 contos para as despesas da viagem. E Vossa Magestade receberá a sua lista civil por inteiro até ao fim da vida... *

Eis resumidamente a linguagem que empregaram os republicanos com o sr. D. Pedro II. Não se pode ser mais palaciano... Resta saber se o sr. D. Pedro II aceitou ou recusou os propostos e oferecimentos de dinheiro que lhe foram feitos.

Mas se seguiu a tradição da sua illustre família, decreto que recusou o vil metal. Foi o que fez o sr. D. Miguel I no exílio. Estava em Roma vivendo apenas d'uma pensão que lhe dava o papa, e habitando num palácio que o mesmo papa lhe havia destinado. Mas quando soube que Sua Santidade havia reconhecido o governo do sr. D. Pedro IV, o sr. D. Miguel respondeu lhe:

— Santo Padre! Em Portugal não pôde haver dois reis. E como Sua Santidade acaba de reconhecer o governo de meu irmão, peço licença para nunca mais lhe aceitar, nem a sua generosa pensão, nem o seu palácio. *

E o sr. D. Miguel saiu de Roma, passando a viver uma vida humilde, vivendo apenas da generosidade dos seus partidários, quando podia toda a vida ter gosado dos favores pecuniários da Santa Sé.

Faria o mesmo o sr. D. Pedro II, com os republicanos do Brazil?... E o que ainda não sabemos à hora em que escrevemos estas linhas.

O grande papel n'esta revolução foi desempenhado pelo marechal sr. Deodoro da Fonseca. Posto que não possuia a fuga da mocidade — o marechal conta sessenta e três annos — foi elle o que mais activo e energico se mostrou, pondo-se à frente da revolução. É um oficial distinto, amando paixionalmente a sua vida: é um verdadeiro soldado. Fez toda a campanha do Paraguai; bateu-se com muita bravura e foi ferido na batalha de Itororó. A sua popularidade no exercito brasileiro o dizem que é considerável. Passava como homem inteiramente dedicado aos accordos dos grupos republicanos, que eram desde muito numerosos no Rio de Janeiro, e aos quais não eram alheias algumas lojas maçónicas, onde, como é sabido, mantinha a maior influencia Saldanha Marinho, um dos vultos ma's eminentes da advocacia, da magistratura e do partido republicano no Brazil. É grande dignitário da ordem da Rosa, dignitário da ordem de Cruzeiro, e tem as medalhas de bravura militar, do Paraguai e de Paysandu.

O sr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, actual ministro da guerra, é bacharel, oficial superior do corpo de estado maior de 1.ª classe, cavaleiro de Avis, oficial da Rosa, condecorado com a medalha do Paraguai, lente da 1.ª cadeira da escola militar da côte, situada na fortaleza da Praia Vermelha.

O sr. Benjamin Constant é considerado como um dos professores mais esclarecidos e independentes das escolas superiores do Brazil; o decreto que o seu prestigio e as suas sympathias na escola militar influiu poderosamente na educação dos seus alunos, em demasiadas conhecidos como efectos das idéias democraticas.

Consta que elle, em tempo, se recusara a ensinar no paço imperial, para se não sujeitar a formalizações contrarias ao seu carácter retrabido e aos principios que abraçara.

Como filósofo pertence à escola de Augusto Comte; e como matemático tem produzido trabalhos verdadeiramente notáveis.

Quintino Bocayuva, ministro dos negócios estrangeiros, já os leitores da ILLUSTRAÇÃO conhecem de ha muito, porque já aqui lhe publicamos o retrato, fazendo justiça ao seu grande talento de

jornalista politico, a cargo de quem estava a redacção do magnifico jornal fluminense o *Paiz*.

O *Paiz* foi fundado ha poucos annos pelo sr. João José dos Reis Junior, visconde de Matosinhos, filho do nobre conde da São Salvador de Matosinhos, antigo chefe da colonia portuguesa no Brasil. O *Paiz* dispôs d'uma enorme influencia não só entre a colonia portuguesa do Rio, mas tambem entre os democratas brasileiros.

Quintino Bocayuva, ministro dos negócios estrangeiros, é um homem no vigor da idade, delgado, barba preta e physionomia severa, sempre velada por um não sei quê de triste e melancolico. É um jornalista de forma brillante, e um orador concíencioso e atraente. Pertence à velha pleia de republicanos, hoje muita rara de peças sucessivas debandadas e deserções. Foi um dos que assinaram o célebre protesto republicano de 71, e dos poucos signatários que não foram depois ou ministros ou altos funcionários do império. Foi sempre correcto, comedido e um constante advogado da evolução.

Ruy Barbosa, ministro da fazenda, é um antigo deputado liberal, e ao mesmo tempo um jornalista distinguidissimo, que sempre combatêu os abusos do clericalismo e a centralização administrativa. É redactor do *Diário de Notícias* do Rio, e podemos desde já assegurar (escreve o *Diário de Lisboa* que é autorizado no assumpto) que será ella a cabeça dirigente do ministerio, não só pel sua alta inteligência, solda e extensa ilustração, como pel auctoridade pessoal que lhe é universalmente reconhecida.

Deu ha muito que o sr. Ruy Barbosa apostolava a idéa d'uma federação brasileira com ou sem monarquia, e foi por não achar verdadeiramente liberal o programa do ministerio d'este título, que oílo se negou a fazer parte d'elle, quando chamado aos conselhos da coroa.

Dele dizia, por occasião da queda do partido conservador, a *Gazeta de Notícias*:

« O que levava monarchista sr. Ruy Barbosa a vibrar os golpes mais cruéis com que ultimamente tem sido vergastada a monarchia, sendo o não sei que invisivel, imponente, que anda pelo ar, e que ora nos opprime o peito como um pesadelo de luta, ora o dilata como a esperança de dias melhores? Supunham por ventura os novos proprietários do *Diário de Notícias*, quando foram buscar o eminente escriptor à sua bancada de advogado, onde o deixara arredado da actividade politica a cabala mesquinha de uns padres de aldeia, que vinham levantar assim mais um formidável estorvo a estas ultimas tentativas que faz para manter-se à tona d'água esta monarchia, que ainda ha um anno era aclamada pela população da capital em nome da liberdade? »

Elles sabiam que evavam para a sua folha um elemento de sucesso, um ascriptor de raça, um espirito superior, fortemente preparado; mas nem elles, nem o proprio sr. Ruy Barbosa, quando traçou no seu primeiro artigo o seu rumo, sabiam que lhe ter ao mar alto em que hoje se acham. *

O mar alto era a revolução que acaba de aniquilar o império.

Desejávamos publicar no presente numero os retratos dos outros ministros — E. Vandenckok, ministro da marinha; Campos Sales, ministro da justiça; Aristides da Silva e Lobo ministro do interior; e Demétrio Ribeiro, ministro da agricultura, e das obras-publicas.

Mas foi impossível encontrar tanto em Paris como em Lisboa retrato de cada um d'elles.

De resto a re-olução foi tão inesperada, que os jornaes ilustrados europeos andaram batendo a todas as portas de brasileiros e portuguezes, suplindo elementos para a reportage artística de modo a satisfazer a curiosidade do publico, tanto de Lisboa, como de Paris e Londres, onde a revolução criou uma sensação extraordinaria.

Nos proximos numeros da ILLUSTRAÇÃO continuaremos a fornecer aos nossos leitores de Portugal e do Brasil, o maior numero de documentos artisticos que poderemos obter.

Resta-nos chamar-lhes a sua atenção para a nossa Revista das Revistas, onde encontrará uma curiosa e importantissima resenha das opiniões mais importantes da imprensa portuguesa de todas as cores politicas, acerca da revolução no Brazil. Esta resenha parece-nos ser um documento histo-

rico do mais alto valor, quando d'áqui a annos se quiser ajuizar do effeito que produzio em Portugal, a abolição da monarquia e a proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil.

A FESTA DO « ECHO DE PARIS »

No dia 6 de novembro o *Echo de Paris* convidava para uma soirée artística, que tinha por fim lembrar o 1.º aniversario da sua transformação, todos quantos em Paris tem um nome nas artes, nas letras, na política e nos sélos.

Este 1.º aniversario da sua transformação representa a famosa data em que todos os colaboradores do *Gil-Blas* abandonaram, por questões de intímis, este jornal, e entraram para a redacção do *Echo de Paris*, onde havia já brilhantes individualidades como Henry Bauer, Edmond Lepetrier, Maurice Boucheron, etc. Os colaboradores do *Gil-Blas* que passaram para o *Echo* chamam-se: Théodore de Banville, Henry Fouquier, Armand Silvestre, Catulle Mendès, Fernand Xau, etc. Por esta nomenclatura podem os leitores da ILLUSTRAÇÃO avaliar da variedade e do esplendor d'uma colaboração literária como só conta o *Echo de Paris*.

A festa de 6 de novembro foi uma das mais belas e das mais originais a que temos assistido em Paris. Todos os compositores celebres tomaram parte, desde Massenet, o glorioso auctor do *Cid* e do *Roi de Lahore*, até Audran, o auctor da *Mascotte*. E vimos ali o que mais ninguém tornaria a ver — uma quadrilha de Serpette, executada por uma orchestra dirigida por Lamoureux, onde Audran tocava bumbo e o grande Massenet tocava ferrinhos!...

Esta foi uma das partes cómicas do programma, onde se destacava um duo do *Lohengrin* cantado por Mme Caron e Talazac; uma cena da *Manos* por Mlle Sanderson, acompanhado ao piano por Massenet; fabulas recitadas por Mlle Reichemburg; uma cena de *La coupe et les lorraines*, de Musset, representada por Mlle Bertiny e Rafael Duflos; uma poesia de Murger, recitada por Mounet-Sully; uma pantomima em 3 quadros, *la Lune*, representada por Mlle Peppe Invernizzi, dançarina da Grande Ópera (*Colombine*) e Coquelin cadet (*Pierrot*); um saynete inedito, em verso, *Le Journal*, de Théodore de Banville, representado por Mlle Rejane e por Noblet; o arioso do *Roi de Lahore*, por Lasalle; uma cena das *Noces de Figaro* de Mozart, cantada por Judic, Ugaldé e Théo; cançonetas por Judic; uma cena cómica por Baron; etc., etc.

Terminada esta deliciosa soirée, cerca das duas horas da madrugada, passou-se à sala da cela; e depois dançou-se até às seis horas da manhã.

Tiveram hora de serem convidados para esta festa, o nosso ilustre amigo Rafael Bordalo Pinheiro, o nosso director Mariano Pina, e Paul Plantier quem queimou Bordalo Pinheiro obteve à ultima hora um convite por intermédio do nosso sympathico collega Fernand Xau.

O director da ILLUSTRAÇÃO agradece a M. Valentin Simon, director do *Echo de Paris*, a honra que lhe dispensou convidando-o para a soirée de 6 de novembro; publicando uma pagina allusiva a esta festa procura dar ao público português uma ideia d'essa soirée que tão fallada foi em Paris.

O TUMULO

DA FAMÍLIA REAL PORTUGUEZA

A igreja de São Vicente de Fóra, cuja fachada a ILLUSTRAÇÃO publicou em o seu ultimo número, é o pantheon dos reis da ilustre casa de Bragança, fundada em 1640 por D. João IV, quando Portugal se revoltou contra o domínio hespanhol, e declarou a sua independência. No paíscio contiguo à igreja de São Vicente, e que constitui uma dependência do templo, habita o cardeal patriarca de Lisboa.

No tumulo real da igreja de São Vicente de Fóra repousam os restos mortais de todos os reis da dinastia brigantina, desde D. João IV. Ao centro do tumulo via-se antes do enterro de S. M. El-Rei o Sr. D. Luís I, o caixão do penultimo rei D. Pedro V, que é o que a nossa gravura representa. Este caixão cediu o lugar d'honor ao caixão onde repousam os restos do Sr. D. Luís, e foi ocupar um outro lugar nas divisões laterais do tumulo real, no lado do caixão da senhora D. Maria II.

RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO

Conforme prometemos aos nossos leitores, continuamos hoje sobr' titulo de *Recordações da Exposição*, a nossa série de gravuras acerca da Exposição Universal de Paris.

E a proporção que nos vamos afastando d'esse maravilhoso sonho em que vivemos durante seis meses consecutivos, mais interesse achamos a estas gravuras, porque nos trazem ao espírito a lembrança de mil surpresas com que deparamos no Campo de Marte e na esplanada dos Invalidos.

Dos pavilhões graciosíssimos que hoje reproduzimos pela gravura e que ficavam por detrás do palácio das Artes Liberaes, eram os das repúblicas helenópolas de

NICARAGUA E COSTA-RICA

Lá dentro admiravam-se preciosas coleções de pélies, de filas, de tabacos, de madeiras, de borraças, de ceras, etc. — coleções idênticas às dos outros estados da América do sul.

No proximo numero continuaremos a nossa série dos pavilhões mais pittorescos do Campo de Marte, não só franceses, como estrangeiros.

A grande gravura central do presente numero da ILLUSTRAÇÃO representa a brilhante

ESPLANADA DO CAMPO DE MARTE

junto da fonte monumental, onde de noite se admiravam as famosas fontes luminosas.

Soegeu-nos os nossos leitores que não puderam vir este anno a Paris. Tudo quanto constitue o encanto da nossa gravura será religiosamente conservado, para maior esplendor de Paris.

O governo francês e a municipalidade parisiense entenderam que tantas maravilhas não deviam ser destruidas e o Campo de Marte ficará como actualmente elle é; e na proxima primavera d'890 não faltará ali, nem festas, nem exposições, nem animação. Paris é incannavell... E queremos os leitores saber o que se pensa agora instalar no 1.º andar da Torre Eiffel... Um hotel... .

E escusado chamar a atenção do publico para a gravura que reproduz o esplendido desenho do nosso colaborador Reichan. Os leitores da ILLUSTRAÇÃO conhecem de sobejio o elegantsíssimo lapis d'este artista. A sua pagina da esplanada do Campo de Marte é um encontro — uma surpresa para os que não vieram a Paris, uma risonha apparição amiga para os que viram a scena, em toda a sua vida e em todo o seu deslumbramento.

D nosso collaborador Adrien Marie levava-nos mais uma vez à esplanada dos Invalidos, para nos mostrar :

AS DANÇAS DOS AISSAOUAS

Os *assaoudas* que também se chamam *sidiha-esser* formam uma tribo tendo em Fez um vasto sacerdócio, que é por assim dizer por toda a Argélia, quando no mezo de julho os *assaoudas* vão à foira da província de Sousse comprar viboras e serpentes para os seus jogos e exercícios, com que divertem as multidões.

Na esplanada dos Invalidos os *assaoudas* faziam todos os jogos grosseiros e selvagens que são da sua especialidade, lambendo ferros em brasas, queimando os braços com arcothes, mettendo moedas em braço dentro da boca, cravando pregos e agulhas no corpo, travessando a língua com uma agulha, fazendo sair os olhos das órbitas, fazendo equilíbrios sobre gumés afiados de espadas, etc.

Mas de todos os exercícios, o mais selvagem era o que consistia em pegar n'uma caixa cheia de viboras, tirar uma para fôra, e um *assaooud* mettia-a na cova dos braços, enrolava-a no pescoço, suspedia-a nos labios, e de répente, engolia-a d'um trago, vomitando-a momentos depois!

Todos os vijantes da Argélia são de opinião que os *assaoudas* possuem receitas para se tornarem invulneráveis à dor. Aliás, como explicar semelhantes exercícios?

A nossa ultima gravura representa o interior do

PALACIO DAS ARTES LIBERAES

Vista da galeria do primeiro andar
É impossível dar-lhes uma ideia das riquezas que continha e que ainda hoje contém.

Nós mesmos que ali entramos tanta vez, que vimos a exposição dos meios de locomoção, locomoção terrestre e aerea; a exposição penitenciária; a exposição pedagógica; a história do teatro; a história do vapor; a história da electricidade, etc., — não temos a pretenção de ter visto metade das maravilhas ali contidas.

Consolemo-nos em abranger n'um golpe de vista o aspecto d'este palacio, verdadeiro monumento, como construção e instalação,

E possam as nossas gravuras dar uma ideia ao publico das nobres e grandes ideias que o espírito francês soube realizar no Campo de Marte...

Até ao proximo numero.

UM BANQUETE A SANT'ANNA NERY.

No dia 21 de novembro realizou-se em Paris nos salões do *Lyon d'Or*, um jantar organizado por um grupo de amigos de Sant'Anna Nery, o distinto correspondente parisiense do *Jornal do Commercio* de Rio de Janeiro e director da *América*, que o governo francês acabava de condecorar com o oficial da Legião d'Honor.

A comissão organizadora d'este banquete era formada dos sras. — Marechal Monteiro Ancora, Visconde d'Azevedo Ferreira, Eusebio Blasco, Ch. Cadot, Ferreira Cardozo, Cardozo de Bethencourt doutor Charcot, Ch. Delgrave, barão da Estrela, Al. Isaac, E. Levasseur, Camillo de Moraes, Parta Bolivar, Eugène Pector, Mariano Pina, Claude Pra, Ed. da Silva Prado, Silvio da Valle, Jules Simon e Al. Wagner.

As banquetas assistiram muitos brasileiros residentes em Paris, muitos membros da imprensa francesa, e os nossos amigos Raphael Bordallo Pinheiro e Augusto Pina, irmão do director da ILLUSTRAÇÃO.

As descer brindes extremamente sympathicos do doutor Charcot, de Levasseur do Instituto de França, do príncipe de Cassano, do dr. Sá Valle, de Fernand Xau, de Mariano Pina, — e um brinde de Pinheiro Chagas, enviado de Lisboa, e que foi lido no meio de calorosos aplausos.

O menu do banquete do qual publicamos uma redução photographica n'outro lugar d'esta folha, era illustrado pelo irmão do nosso director, valendo uma salva de palmas de todos os convivas. A ideia do encadrement era graciosíssima, porque se via a um lado um aspecto do pavilhão do Brasil no Campo de Marte. Era uma alusão aos trabalhos da Sant'Anna Nery na comissão organizadora da exposição brasileira.

Foi por assim dizer, o debate do moço artista, alumno da Academia de Lisboa, e que actualmente frequenta em Paris os ateliers da Academia Julian, onde se prepara para o concurso da Escola de Belas Artes de França. E o debate não podia ser mais auspicioso, nem as felicitações mais preciosas porque eram as felicitações de varias notabilidades parisienses.

De resto, no proximo numero da ILLUSTRAÇÃO os nossos leitores poderão apreciar trabalhos mais completos do moço artista, que passa a ser nosso colaborador.

Por elles ajuizarão do seu talento que apenas desponta, mas, que é uma promessa. E se não encarecemos como devíamos os seus méritos, é para não ferir as justas susceptibilidades do director da ILLUSTRAÇÃO, que não deseja que seu irmão se embriague cedo com as facetas e baixas reputações que a impreza ás vezes laz, irreflectidamente...



NOTAS E IMPRESSÕES

Noventa por cento dos portuguezes de chapéu alto que andam pela rua, dizendo-se-lhes : — Que faz você? — respondem todos: Coissíssima nehumma. Matar o tempo... Matar um bocadinho de tempo... Não ha remedio.

Matar o tempo! Phrase sinistra! Dir-se-há inventada por algum Tíberio hypocondriaco, algum Calígula misanthropo. Matar o tempo! Assassinar a eternidade! Annular o infinito! O après nous le déluge! de Luis XV, comparado a isto, é um madrigal. Matar o tempo! Pessimismo gongorico, blasphemia hyperbolica, que parece romper, gottejante de sangue, de fundo tenebroso d'alguma noite de exterminio! E não. E' a semsabónia purranc, o tédio mercieiro, o spleen empregado publico que, bocejando, deixa escorrer espreguiçadamente essa banalidade monstruosa.

E' por isso que a nossa biographia, ó lusos, não é por via de regra mais do que o hiato de meio século entre uma certidão de baptismo e uma certidão de obito. Nasceremos e morremos. O intervalo entre os dois pontos, isto é, a vida, mata-mo-a... .

GUERRA JUNQUEIRO.



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS. — A ESPLANADA DO CAMPO DE MÁRTI, JUNTO DA FONTE MONUMENTAL.



A TRAVÉZ DE PARIS

Lachrymæ ruminum. — Um passeio ao Campo de Marte. — Passeios tristes. — Compensações — A barreira de Paris. — Zola e a Academia. — Uma ilusão perdida. — Mouret Sully condecorado depuis Wagram.

MISERIA de vida! Em que tristeza lóbrega e nauseabunda se alaga todo o espaço onde palpitação há menos dezois a alegria interior do mundo! Olha-me para esse pantano viscoso, essa incommensurável *Rake* de lamas, onde rolam, abrindo sulcos profundos, filos intermináveis de coros de entulho mais sinistros que os negros porta-esquifes da Morgue! Foi ahi, ó miser habitaante de Marco das Canavezes, foi ahí que riste, folgaste, amaste, tripudiasse, como nem sonhavas que tal se podesse fazer na vida! Ah! se voltasses agora! Eis aqui o que verias: Os monstros lá estão sempre. A torre Eiffel, firme nas suas quatro patas de ferro fundido, continua a sua estéril função de giganteaco pesapapeis sobre a escraventinha de Cybele. A thiura do grande zimbório persiste em cingir a fronte do papa colossal e invisível, cujos pés se aquecem sem dúvida ao bracejo central do planeta. Hesitantes sobre o incerto porvir, mas incolumes ainda, as Bellas Artes, as Artes Liberares, estendem os seus doiz cilindros onde talvez em breve — sob a abobada que protegia a grande aquarella de Meissonnier, ou ainda sob aquella a que se erguia a voz dos órgãos divinos de Mustel, — o trigo e o café conhecerão as intempéries da alta e da baixa e se venderão, á mil, sacas de arroz Carolina. Mas toda essa maravilhosa cidade de pavilhões, de kiosques, de minaretes, de kremlins em miniatura, de pagodes, de mesquitas, de coruches rendilhados, de flechas esculpidas? Não m'o perguntas, estimável Marco-de-cannavezenze, para não precipitaras a minha mal contida sensibilidade. Uma palavra te dirá tudo. Essa cidade — foi-se. Não mais a verás.

Alguns zimbórios resistem ainda aqui e acolá, mostrando através das feridas hiantes o esqueleto da sua armação. Alguns desfazem-se à vista dos raros visitantes, separando-se em gommos, abrindo-se pelo meio como romãs maduras. E uma tristeza singular excede os espíritos ao ver como é facil destruir, e como é rapido. Vinte homens, trez ou quatro polegadas, alguns metros de corda, deixam abalxo em dois dias o que levou dois meses a edificar. O ferro esse então ainda se defende menos do que o gesso e a cera. As férmetas abrem-se como por encanto, e desenham no ar contornos de costellas gigantescas que se separam sem ruído, e docemente se inclinam, ao passo que as cordas se esticam, vibrando musicalmente. Ell-as no chão, colossais, quietamente deitadas ao lado umas das outras, como os cadáveres que se retiram da explosão d'uma mina, entre montões de destroços, de fragmentos de argila, de motivos de decoração em cartão pedra, de placas de zinco, de ardósias lascadas, de azulejos poeirentos... E é como um corte n'uma floresta; o horizonte rasga-se, o dia penetra em clareiras bruscamente abertas, vê-se o rio, a ponte de Lena, despidas do seu toldo empaveizado, as chaminés de fabrica do Gros-Caillou, o capacete d'ouro dos Invalidos, em cuja ponta brinca um ralo de sol.

Ah! quando a noite cai, como é triste! Debaixo o Trocadero continua a illuminar os seus dois braços de ídolo hindu, o seu ventre de

Buddha hydropico... O silencio é profundo, toda a esplanada se faz negra, o rio sinistro marluí contra os pilares das pontes. Um ou outro fafre passa vazio, troz ou quatro transeuntes apressam-se, com o ar transido, evitando os buracos e as poças de lama. E o coração confrange-se a pensar no lindo panorama das tardes de outubro, a ponte de Alma regor-gitante de corrugens, a linha das cúpulas e dos minaretes picada em ilhéus de gaz n'um fundo de sepias, o Trocadero estimando-se n'um clarão de forja quasi extinta, e como unica avelura no horizonte sumacente a mancha branca do pavilhão português, reflectindo-se confusamente no rio, sucedido pelo silencioso voo das gondolas a vapor; enquanto que ao longo as lanternas de gaz do Hippodromo formavam sobre a avenida una ponte de flammechas ondulantes..

Marco-de-cannavezenze, bondoso amigo, deixa-me soluçar longamente no teu solo!

* * * Em seguida ao que, me permitirás que te diga: — *Zut!* A Exposição morreu, é certo, mas Paris vive. É quanto me basta. Ell-o de novo palpante de festas, de premières, de can-can mundanos, de deliciosos escândalos literários, em todo o encanto do mais adorável verão de S. Martinho que jamais doíram a fino relva da Muette e os contornos rendilhados das Acacias do Bosque. Eles abertos as Camaras, abertos os teatros, as salas de conferências, as aulas da Sorbonne e do Colégio de França! Foi-se o Bulgari! Foi-se o Servio! E também se foi o ronmelotto! Don Rastaqueouche e Cachuccho y Caracoles retirou-se para o Cuili pelo « Araucania » no ultimo sabbado. Paris é emfim parisiense! Começa-se de novo a ouvir fallar francês. A gente que se encontra nos restaurantes e nas ruas conversa sem gritar, come sem devorar, ri sem rebentar pelas lângugas, gesticula com sobriedade e abstêm-se de interpelar conhecimentos dum passado ao outro do boulevard, por nomes barbares em « poulos » em « esco » e em « ski ». Os cochichos estão a nosso pés, supplicantes, promiscos a andar à hora. O carão de Buffalo Bill desapareceu das vespasianas, e com elle a odiosa obsessão da sua melena e do seu olho fatal! Não mais em cada rua o encontro agitante d'uma corrida de ingleses, viajando por grosso, a cargo da agencia Cook! Emfim o Pariz de outrora, o Paris que nós amamos, o não a succursal de Caracas em que vivemos seis meses.

* * * Zola com a farda de palmas verdes não ha de ser positivamente o que Lisboa designa pelo amaravél nome de *catita*. O verde não lhe vai bem á cor dos cabellos. Depois, um espaldim ao fianco d'este rijo lutador é um triste ridículo. Nomeiem-no imortal, se quizerem, mas deem-lhe uma partazana!

Será eleito? Ou não será? *That is the question.* Mas que vai elle fazer aquela galera? Será uma partida infantil ao amigo Daudet? Uma resposta aos desdenses do *Immortal*? Com a brela eu tinha na cabeça um Zola d'uma peça só, rude, mas nobre, d'uma logica brutal na vida como no estylo, orgulhosso como todo o grande artista, incapaz d'uma transigencia, e com vertebras de bronze na espinha. Esta cidadidatura estraga-m'o. Em vez de bronze, encontro margarina.

Receio bem que, sob a famosa cúpula, o colosso nos pareça a todos mais pequeno. Tem lá cabido outros ainda maiores do que elle; mas nenhum teve de se dobrar mais para lá entrar. O espaço dentro é vasto; mas a porta é baixa.

Zola fraternizando com Legouvé! Adriana Lecourvour colaborando com Mouquette no Diccionario da Academia! Em fim tudo pode acontecer, sobretudo o absurdo. Mas é cocasse.

Se Zola for eleito, pensem-me um pouco na sessão em que elle será recebido! Eu imagino, uma scena similiar à da entrada do egipan felpudo no Olympo, da Lenda dos Séculos.

Muita gente irá ver se elle tem pés de cabra e chavelhos! Que surpresa para o maior numero de contemporâneos essa boa cara de burguez pallido, de barba de collar, olhos myopes, e ao ouvir talvez um discurso correcto, segundo a Praze e a Rego, com a referencia classica do duque de Aumale, — « o illustre exilado em fum restituído à patria » — e quem sabe, um derreimento no Naturalismo! — « Fallarei agora, senhores, d'uma certa escola que faz gala do ver no mundo só o Mal e o Crime... »

Confesso que seria um cumulo. Miss eu de Zola agora, já nada me supreenderá.

* * * *Paf! tu l'es.* Eis Mount Sully com a estrela dos bravos. Desse anno de alvaiude e de pomada hungara. Serviços excepcionaes, como diz o *Journal Officiel*.

E elle o primeiro actor condecorado como actor, Faure, Delaunay, Got, tiveram a fita vermella como professores do Conservatorio. Febre para apanhar fez-se filiar tropa e fundou um hospital em Londres. A condecoração de Mount-Sully é um facio quasi tão importante como a tomada da Basílica. Proponho que se erga uma columna.

Com efeito, até agora para se obter a Legião de Honra era necessário pelo menos ser-se um chocolateiro de genio com um palacio no bairro Moncenisio. Exemplo, Menier. Para além do caçau, a Legião hesitava. O actor — restos ainda das velhas superstíciones — não era condecoravel. O judeu esse libertaria-se mais cedo, e o menos que apinha agora é o Christo. Este, sempre doce, resigna-se. Rompeu-se enfim a ultima barreira que separava o mundo novo do antigo. Mount-Sully beneficiou enfim dos immortais principios. A grande data de 89 libertou o escravo no Brazil, implantou lá a Republica, e fez córar de jubilo a boateira de Mount-Sully. Povos, fraternizemos! Quanto à Marzelheza, que estruja!

O mais engracado é a lembrança de Henri de Berri, o autor da *Fille de Roland*, mandando de presente ao Hamlet da Praça Richelieu metade da fita vermella colocada por Napoleão ao peito de seu pae na batalha de Wagram. Este filho não guarda bem ss. reliquias. Reclamo uma reuniao de conselho de familia para lhe tirar o usufruto da outra metade da lita. E capaz um dia de a mandar a Paulus!...

GIESS.



DESTINOS

[A FERNANDO MAYA]

*Medito horas e horas no meu mal,
— N'esta lucta da Vida aspera e triste.
E, meditando, assisto ao funeral
De quanto alento ainda em mim existe!*

*Por cada hora de paz que nos assiste,
Por cada fugitivo goso ideal,
— Quanta tristeza e dor funda e real
O coração nos rasga e lá persiste...*

*E' sempre triste a vida, sempre afflcta...
Venturas... só as gera a phantasia
Na celere aza fulgida, benedita!...*

*A's vezes um olhar radioso, amado,
Vem, por seu turno, encher-nos d'alegría...
— Para em mal se volver mais des piedoso!*

1889:

ANTONIO MOLARINHO.

A REVISTA DAS REVISTAS

A Republica dos Estados Unidos do Brasil.

VAMOS dar aos nossos leitores do Brasil, que são muito numerosos, extractos dos principais artigos publicados na imprensa portuguesa, ávices da revolução que no dia 15 de novembro ultimo rebeceu no Rio de Janeiro, revolução que aboliu a monarquia, e proclamou a República.

Esta resenha parece-nos ser do maior interesse, não só para os nossos leitores do Brasil, mas também para os nossos leitores de Portugal, — porque todos encontram aqui reunidas as opiniões que é mais interessante considerar ácerca de tão extraordinária quanto imprevisível acontecimento.

A ILLUSTRAÇÃO não tem por uso fazer política. Mas recentes factos de tamanha importância, tem por dever escrever a história dos grandes acontecimentos que se produzem nos dois países a que se destina, — e onde a ILLUSTRAÇÃO tem a abundante honra de contar sentimentos sympathéticos.

Escrivem as *Novidades*, jornal de que é director o Ilustre jornalista Emygdio Navarro, no diário que em Lisboa se espalha a notícia da revolução no Rio de Janeiro, tendo por fim abolir a monarquia e proclamar a República.

Está triunfante a revolução do Rio de Janeiro, O velho imperador cuja vida quasi que exclusivamente condensou a história e o desenvolvimento da independência brasileira, embarcou para a Europa, desilustrado : *Ingrata patria, non possidebis ossa mea!*

Nem temos que dar conselhos aos brasileiros, que por certo os dispensam, nem que dirigir-lhes censuras, que não poderiam ser recebidas com agrado. É preciso não perder de vista, que, como responsáveis directos pela imprudência dos nossos actos e pela inconveniencia das nossas palavras, está no Brasil uma numerosa colónia de irmãos nossos, sobre os quais pôde recuar, d'um modo desagradável, o perigo do que fizermos ou que dissermos. Se é dos bons princípios respeitar em cada povo a liberdade absoluta de escolher para si a fórmula de governo, que fizer por melhor, neste caso essa regra de respeitosa abstenção é ainda reforçada pelas indicações da mais vulgar prudência.

A revolução do Brasil pôde ter para nós consequências gravíssimas; e todo o nosso empenho deve ser conservar na nova ordem de coisas, que se estabelece e radicalizar, a mesma confraternidade de convívio e de trabalho, que tinhamos anteriormente. A nada mais podemos e devemos aspirar. E, tendo conseguido isto, teremos conseguido muito. No Brasil não somos políticos; somos trabalhadores. Trabalhadores, que se dedicam ao engrandecimento dos dois povos, e que nenhum attrito distancio nem embaraça na realização d'esse fim único, por um d'elles haver mudado do regime imperial para o regime republicano. A manifestação de sentimentos, que vão além d'este propósito, pôde ser mal recebida e dar origem a dissidências de pouco peso. Tudo ali é melindroso no actual momento!

Uma revolução por mais superficial, que seja — e não é superficial a que derriba um império — traz sempre no seu selo alguma coisa de novidade, que se não limita a demolir a representação exterior do mando supremo, e a substituir-a pura e simplesmente por outra. São por demais conhecidas as tendências de animosidades contra os portugueses, que ha nalgumas províncias, e no proprio Rio de Janeiro, em certas classes. Recebemos que essa necessidade de inovar, complicando-se com aquelas tendências, não provoquem algumas resoluções desagradáveis. A perturbação, que naturalmente oppõe agora todos os negócios, é o menor mal d'esta situação; o maior, para nós, pode provir d'uma transformação radical na base das relações entre a actividade nacional e o comércio estrangeiro. A doutrina de Monroe, que ora mesmo, e a rebate dos Estados Unidos, serve de apelo a um congresso de todas as nações americanas, é d'uma elasticidade e amplitude, que pôde ir aos últimos extremos da repulsa. Essa doutrina fascina principalmente os espíritos democráticos. Todo isto nos solicita vivamente a que sejamos muito cautelosos e reservados. Honremos o imperador destronado, mas respeitemos o país insurgido, que é povo livre e autônomo.

Não nos assusta a república brasileira, e estavamo-vos-lo-ha muito que seria elle quasi inevitavelmente a herdeira de D. Pedro II; mas lamentamos devorás que uma revolução de caserna, passado por cima amargurasse da propria vontade dos republicanos, com esta insinua, os ultimos dias de um glorioso reinado, os ultimos dias de um soberano que o próprio Quintino Bocayuva chama como vimos « o imperador philosopho ». Lamentamos que o Brasil entre na república, não pela mão de um Washington e de um Franklin, como os gloriosos Estados Unidos, mas pela mão dos chefes dos pronunciamentos que durante cinquenta anos marcharam de sangue o noviciado das repúblicas hispanholas, e entorpeceram o seu natural progresso.

Mas inclinar-nos-hemos diante da vontade do povo brasileiro, e não entibia o nosso afecto a essa nação, essa quasi inexplicável paixão á vista. O Brasil tem o pleno direito, que respeitamos, de escolher as instituições quo quiser, e no momento que julgar opportuno; mas lamentamos que a república atropela no seu corso ovante o auguste velho, que foi e que será sempre, imperador ou não, uma das mais puras glórias do Brasil.

Dias depois de ter aparecido este artigo, voltou o Correio da Manhã a tratar o mesmo assumpto, n'um largo artigo evidentemente devido à pena de Pinheiro Chagas, e do qual extractamos a seguinte passagem:

A realza comodo prestira altíssimos serviços ao Brasil. Dêra-lhe em primeiro lugar a independencia quasi sem derramamento de sangue. Se D. Pedro I, em vez, de se pôr á frente do movimento, procurasse reprimir-o, se, em vez de fazer embarcar para a Europa a divisão de Montevideu, e de arvorar a bandeira brasileira nos navios portugueses, se servisse d'esses navios e d'essa divisão, e do general Salданha e de D. Alvaro da Costa e de Jorge de Avilez para combater os insurgentes, a luta não teria sido menos grave do que o foi na América hispanola.

Em segundo lugar manteve a unidade do Brasil. Gritou muito os federalistas contra essa unidade que julgam incompativel com as dimensões do império, mas de certo reconhecerão que foi essa unidade que tornou o Brasil grande e poderoso, e que, se o Brasil teve na America do Sul a predominância que os Estados Unidos tem na do Norte, devem essa influencia principalmente á sua unidade. Muita gente, ouvidão falar agora nos Estados Unidos do Brasil, imagina logo que ficará o Brasil com as mesmas vantagens que tem da America Inglesa. Engançam-se. Na America não ha se n'os Estados Unidos — Estados Unidos do Mexico — Estados Unidos da Colombia, Confederação Argentina.

Ora agora a maior parte d'esses Estados Unidos saem dos Estados desunidos. Se o fôrem também os Estados do Brasil, o desmembramento é inevitável, e, vindo o desmembramento, transformando-se a America Portuguesa n'umas poucas das repúblicas como n'umas poucas de repúblicas se transformou a America hispanola, ento pôde o Brasil dizer adeus ao grande prestigio de que tanto se orgulhava, à unica com que ostentava o seu pavilhão auríverde que tinha na America do Sul a importancia e o valor que tinha na America do Norte o pavilhão estrelado dos Estados Unidos. As suas diferentes repúblicas arregimentar-se-hão ao lado da Bolivia e do Peru e do Paraguay, e talvez também — não o negamos — do Chile e da república Argentina. Poderá este pensamento combater o favor d'uma unidade, e poderá o Brasil resistir a ver resuscitar no Rio Grande do Sul a república de Piratininga, e em Pernambuco a Confederação do Ecuador? Deus o queira; mas para isso ha-de ser um pouco apertado o laço federal, e as províncias avizadas de autonomia consentirão n'esses apertos? Eis o que resta ver.

Por outro lado a monarquia também poupou ao povo brasileiro as grandes tormentas da guerra civil. Bem se temos que a monarquia constitucional tem também o seu noviciado contra as repúblicas, e sem citarmos as revoluções de Pernambuco e de Pará, etc., basta citarmos a grande revolução do Rio Grande do Sul, que teve Garibaldi por soldado, e que foi tremenda, para reconhecermos que o Brasil não atravessou completamente tranquillo os seus 67 anos de vida constitucional. Que diferença comodo das convulsões republicanas, que ainda hoje não estão acalmadas, do vive d'essas repúblicas onde o pronunciamento é a formula mais confiada de rotação constitucional, e o fusilamento a formula mais rápida do sufragio! Não atravessou o Brasil um período semelhante? Não

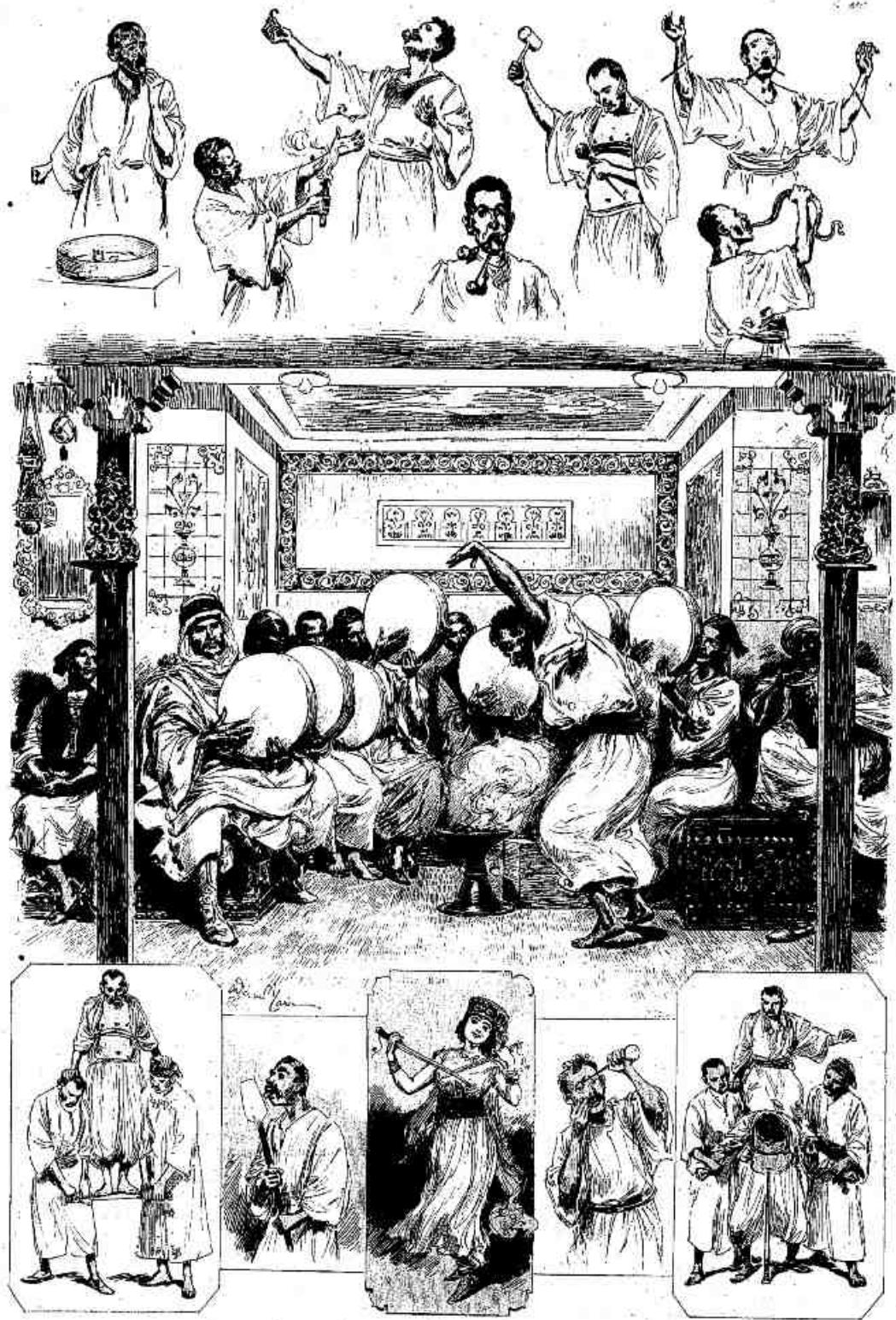
foi a forma do governo, mas sim á índole do povo que o Brasil deu a sua tranquilidade relativa? Folgaremos devorás que isso agora se demonstre, tanto mais que ficará definitivamente demonstrada a superioridade da raça portuguesa sobre a raça hispanola, o que sempre consolará o nosso amor proprio.

Mas são esses os dois grandes perigos da república brasileira, o desmembramento e a discordia. Fundou-se a república sem effusão de sangue, dizem. E' certo, mas isso deve-o o Brasil sobretudo a D. Pedro II, como o D. Pedro I deve ter fundado quasi sem effusão de sangue a sua independencia. Mas o perigo da república está nos republicanos. Se elles souberem moderar as suas ambicões, ter a energia suficiente para mantarem a ordem, e conservarem todos os elementos de prosperidade do Brasil, se souberem reagir contra os maus elementos que lhes deram uma vitória prematura, terão bem merecido da sua pátria, e bem merecido da humanidade. Será isso para o proprio imperador philosopho, como lhe chamou Quintino Bocayuva, uma dernideira consolação. Se puderem limitar o federalismo á concessão das necessarias regalias nos diferentes Estados em que se transformarão as actuais províncias, sem desmembrarem o Brasil, terão o aplauso de todos. Se o não souberem fazer, pesará sobre elles uma grandissima responsabilidade, porque, por meras ambicões, e por transigencia com declamadores que acham mais sólora a palavra e república a terão sacrificado um governo sensato, prudente, a que o Brasil deu a sua prosperidade e a sua força, um governo como o de D. Pedro II, a um governo incapaz de o substituir no desempenho da sua alta missão.

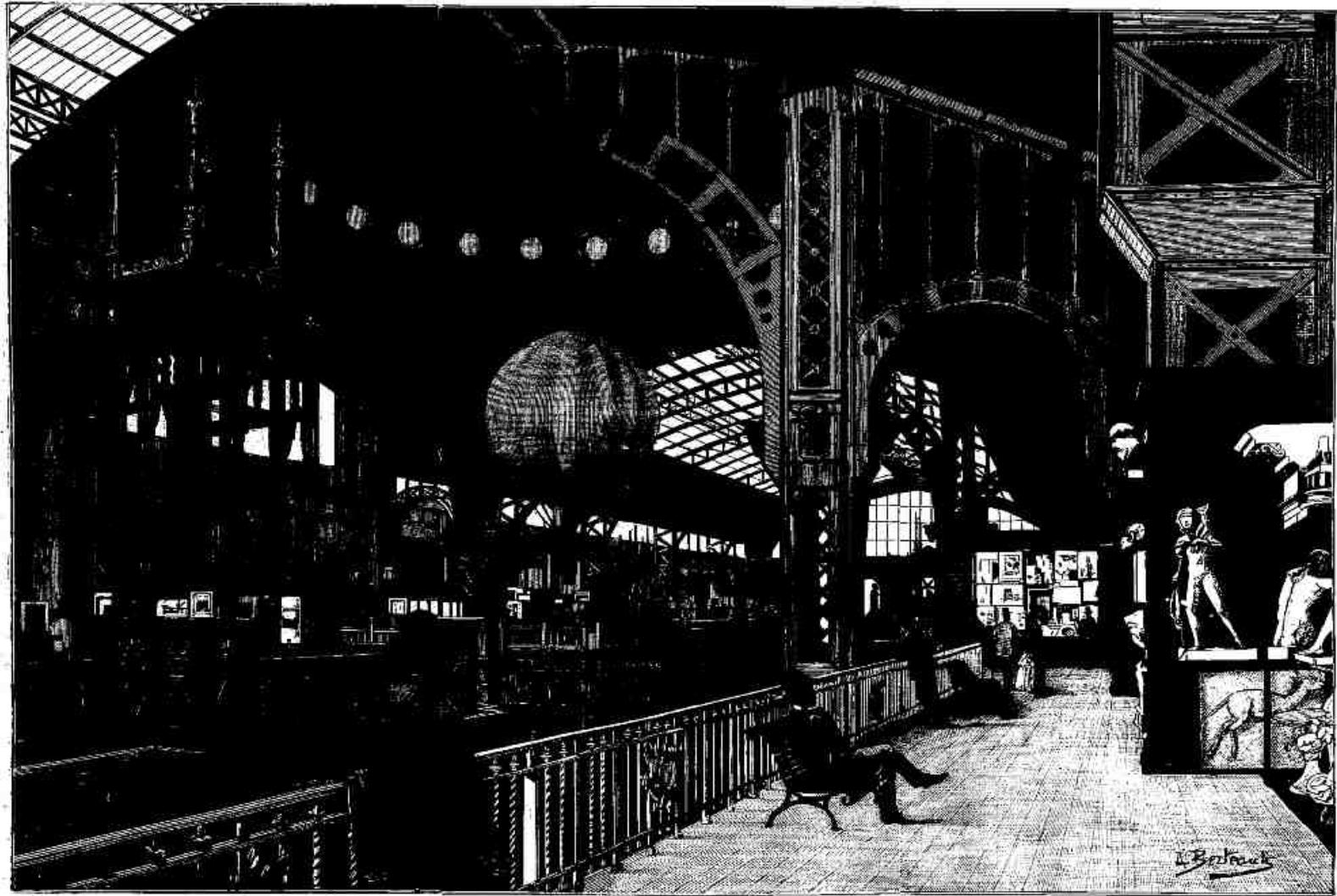
Escrive o *Dia*, jornal de que é director político o senhor Antonio Ennes :

Uma revolução expulsou do trono o soberano que foi penhor da independencia do Brazil, defensor da sua liberdade e promotor diligente dos seus progressos morais e materiais. Se essa revolução não foi mero assalto d'um bando armado ou investida fôrça d'um partido, se representou e realizou a vontade da maioria da nação, é legítima e tem jus, se não á sympathia, que de melhor grado acompanharia ao exílio o velho imperador, no respeito de todos os homens de convicções liberais. O Brasil tem o incontestável direito de escolher as suas instituições politicas, e até de desacreditar na escolha; os outros povos nem lhe devem discutir a soberania, que para si reivindicam. Não apreciaremos, pois, os acontecimentos cuja notícia tanto surpreendeu hontem o mundo; limitemo-nos a desejar fervorosamente que revertam em glórias e venturas para o paiz, que não deixem de ser nosso irmão por se ter desmembrado os n's na forma do governo, e taes devem ser os sentimentos e a attitudine de todos os portugueses. Não temos que interferir nem com opiniões na politica interna dos brasileiros, que são maiores ha mais de sessenta annos, e ainda que as suas deliberações discordem das nossas aféccoes e crenças, cumpr-e-nos acreditar q'ta foram e hão de ser justificadas por motivos de razão e de consciencia, de brio e de interesse nacional, quo não podemos avaliar. Elles é que sabem de si; nós, e especialmente os nossos compatriotas que vivem no meio d'elles, só temos nos sucessos presentes e vindouros o papel de espectadores neutras, apenas ansiosos por não presencearem spectaculos de sangue.

.... O movimento adoptou divisas e programas e ordem e legalidade; apressou-se em oferecer garantias aos interesses conservadores; pôz á sua frente, a par de homens d'occasião que representam o triunfo da força, homens de futuro, capazes de construir e consolidar. No seu ministerio ha nomes respeitáveis e sympatheticos; nos seus primeiros actos, de que temos noticia, transparecem moderação, prudencia e as possíveis deferencias por io quanto ele proprio demoliu, e que conserva de certo as affectiones d'uma parte do paiz, como conserva as sympathies da Europa. Parece que a nova ordem de coisas não se estreou mal; mas são tantas as dificuldades que terá a vencer, que a ameaçam indefinidas vicissitudes. O nosso desejo, porém, é que, jú que a revolução se faz, possa consolidar-se. Lamentando do coração a necessidade, se a houve, de amargurar a velhice de D. Pedro II, não desejamos ao *imperador philosopho*, como lhe chamava Bocayuva, a nova tribu-



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS — Os Aissauas na Esplanada dos Invalidos.



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O PALACIO DAS ARTES LIBERAS.

lação de voltar a cingir uma purpura retorta em sangue pela guerra civil. Os votos de todos os amigos do Brasil tem de ser agorá pela sua tranquilidade, e esse é decente o que a este hora formulam os milhares de portugueses que vivem nos territórios brasileiros, à par dos protestos de respeitarem e obedecerem por igual a todas as instituições políticas com que os nacionais se dotaram. Estamos certo de que a colónia portuguesa ha de, na presente melindrosa conjuntura, provar pela cordura dos seus actos, pelo sujeição das leis do país, por um completo afastamento das lutas políticas; quanto mais entenhadamente a sua segunda pátria, e deseja que ella prospere com as bençãos da paz e da liberdade.

Encontramos no *Tempo* da que é director político o nosso brilhante colaborador Carlos Lobo d'Avila, um artigo que causou verdadeira impressão, não só em Portugal, mas fôr de alí, pois razões de crítica. Esse artigo, que não é de Carlos Lobo d'Avila, pois que o director de *Tempo* se achava n'esse momento em Paris, atribui-o o *Tempo de Paris* ao ilustre historiador sr. Oliveira Martins.

Eis o mais importante desse artigo:

Que novas liberdades, que novas garantias, que novas vantagens positivas vai a república dar ao Brasil, caso uma reacção do bom senso não abafe o movimento que se anuncia vitorioso? Nemhum! Nem um só! Foi com o império que venceu Montevideo e o Paraguai; foi o império que lhe deu meio século de paz interna inalterada; foi o império que creou o exército e a marinha, que multiplicou as escolas, que construiu a rede das estradas e caminhos de ferro, que protegeu as lavoras indigenas; foi o império que aboliu a escravidão.

Que benefícios espêra o Brasil da república, iniciada por um golpe de mala tropa? Que mudança já deve haver no que importa ao regime positivo e prático da vida nacional? Nemhuma, senão o despotismo das generais, começando agora o período já concordado para as repúblicas vizinhas. Nemhuma, semão talvez o prejulgamento dos senhores de roça, offensivos nos seus interesses pela abolição da escravidão.

A revolução do Brasil é porém mais do que um encontro: é uma ingratidão paracom esse homem Venerando, carregado de annos e servíos, que considiou a vida a doar a seu império com os frutos de uma administração em que a energia se alijou sempre à prudência, a força à virté, alternando segundu à necessidades. Deixasssem-nos morrer ao menos, acabar em paz no trono que era par, elle uma mez de trabalho: deixasssem-nos concluir a sua tarefa, e depois dessem-nos a sua loucura!

A gratidão nunca foi virtude dos povos; mas n'este caso a offensa é tão flagrante, a temeridade tão consumada, que o coração e a cabeça, o sentimento e o juizo, os maiores dadas, se levantam para condenar.

Quando se voltam os olhos atroz, reparando no que foi a história da América austral n'este último meio século, é impossível deixar de dar a pluma ao Brasil que à sombra do império manteve a sua independéncia, venceu os seus inimigos, e se desenvolveu na paz interior, enquanto as repúblicas vizinhas, cujo exemplo o Brasil agora imita anachronicamente, se debatiam em revoltas sanguinárias, agitando-se impotentes, dilaceradas pela marcha crônica.

Foi o império, ilúbil e repulso, quem manteve a unidade d'essa grande América portuguesa, tão grande como a Europa, tão diversa em interesses, em tradições e em temperamento nas suas várias províncias, desde os sertões do Amazonas, pelo centro agrícola de S. Paulo, até aos pampas do Rio Grande, que o pensamento federal acudia naturalmente à idéa dos políticos, como a forma mais adequada à agregação nacional.

Mas essa própria forma administrativa, caso fosse a preferível, só podia realizar-se com o império, pois a federação republicana, dill-a um futuro breve, a federação será inevitavelmente a desmembração. Fraccionar-se-há o grande império neoportuguês, e sofrerá um desengano total os que julgam por comparações, imaginando que são identicas as circunstâncias dos Estados Unidos do Brasil.

E' sabido que na América do Norte a colonização marchou em colunas corridas, sem soluções de continuidade, do oriente para o occidente; ao passo que na América hispano-portuguesa, a colonização processou creando núcleos dispersos, ganglions de população que só o trabalho lento dos séculos virá a aproximar e fundir. Enfeixados pelo vínculo da

monarchia, estes focos de colonização mantinham-se unificados. Emancipadas em 1825 as colônias hispanófolas pulverizaram-se em repúblicas mais ou menos minuscúlas e independentes.

A revolução de 1825, emancipando o Brasil, conservou-o todavia unito, porque se conservou monárquico. A destruição do império, a proclamação provável do federalismo, seria o princípio da desmembração que se não fará, todavia, sem crises fúnebres e sangrentas guerras civis.

Se esta loucura agora anunciada se consumar, é mais do que provável que n'um prazo relativamente curto vejamos o Brasil retalhado, pelo menos em tres nações, uma no valle Amazônico, debituendo-se com a ingratidão do clima e com a propria riqueza do territorio; outra no centro sob a hegemonia paulista; outra nas pampas do sul, porventura londinhas no Estado Oriental do Uruguai que é sobre o Rio da Prata, com Montevidéu, a capital geográfica da região.

A desmembração: isto é o que a república dará ao Brasil n'um futuro breve, mas ainda assim mediano. Por agora, imediatamente, dar-lhe-á uma crise tremenda, a revolução embrulhará, como é mais que provável, as grandiosas operações financeiras e a profunda reforma social da abolição da escravidão. Talvez esses dois problemas venham a dar-nos em breve a chave do enigma dos acontecimentos, hoje apenas conhecidos sumariamente pelo telegrapho.

Até aqui acham-se resumidas as diferentes opiniões dos jornais monárquicos portugueses. Mostremos agora a opinião do principal órgão do partido republicano português — O *Scotto* — de que o director Magalhães Lima. No dia 17 de novembro o *Scotto* publicava, decêrcio da proclamação da República no Brasil, um artigo de fundo assinado pelo ilustre académico sr. Latino Coelho, do qual extrahimos os seguintes parágrafos:

Acaba de ser finalmente proclamada a República no Brasil. Ao império, tornado impossível e intolerável ao gênero polo brasileiro, sucede a política instituição dos homens livres, a pure democracia.

A terra, onde há pouco se proscresvera a condição servil das raças africanas, não podia continuar por largo tempo a conseguir a servidão política ao arbitrio supremo de um ditador dissimulado nas enganosas apreensões da soberania constitucional.

Expungiu-se finalmente da Carta do Novo Mundo aquella macula, que infamava, com uma exceção contraria-natural e odiosa, a civilização da América. Obliterou-se a tradição, que ainda vinculava uma vasta região americana, à sujeição monárquica de uma família-privilegiada.

O amigo presidente Monroe, nos Estados Unidos, formulou há muitos annos o princípio de que a América só pertence aos americanos. Mas na conceção expressão d'este aphorismo vai naturalmente consubstancial o pensamento de que a América, a terra de virgem e grandiosa natureza, a terra do futuro, a segunda patria da civilização humana, não pode consentir as depreciações institucionais, os preconceitos sociais, e as abusões opprobriosas, que na velha Europa encadearam durante longos séculos e ainda agora dominam com afrontosa supremacia, os destinos na maior parte das nações.

A realesa, ou se chamo império, ou reino, ou principado, é sempre uma incomparável infracção ao direito, à igualdade, à justiça e à dignidade dos cidadãos. E' sempre despotismo, ou a dictadura,umas vezes mansa como hipocrisia, outras vezes arrogante com insolência. E' sempre uma forma de governo, em que muitos milhões de homens obedecem, pal intimidação do direito hereditário e da missão divina dos monarcas, a um só homem, que pode ser e é efectivamente muitas vezes um dos mais desvaldes em inteligência, um dos mais ermos de virtudes cívicas e privadas entre todos os naturaes da mesma terra.

Saudemos a fecunda reprise, outrora portuguesa, que sabe hoje vindicar ousadamente o nome glorioso dos seus antigos descobridores. Se ainda se não fundou em Portugal a República, podemos hoje dizer com nobre orgulho: que d'esta valha e viciosa instituição da nossa patria veio natal a dentranhar-se além dos mares uma nova democracia, a cuja sombra alcançará desenvolver-se e prosperar na sua riqueza e na sua cultura o generoso povo brasileiro.

Levámos ao Brasil com os primeiros clarões da vida civilizada a monarquia e a escravidão. Possa agora o Brasil inspirar com a sua audaz resolução a metrópole d'outras eras, e dar-nos como retorno o exemplo da liberdade com a República.

Honor e glória aos triunfantes republicanos brasileiros!

Latino Coelho.

TSARINE POÉ DE ARROZ RUSSO
Molhante, Suave, Invisível
PREPARADA POR VIZELLET
25. BOUL' des Italiens, PARIS

A nova ópera de Carlos Gomes

Teve um éxito colossal no Rio de Janeiro a nova ópera *Schiavonetto* inspirado auctor do *Giovanni*, o maestro brasileiro Carlos Gomes.

O libreto, devido à pena do ilustre escriptor brasileiro visconde de Taunay, é o seguinte:

Vivia na sua fazenda, nas margens do Parahyba, o conde Rolando, um dos primeiros colonizadores portugueses, o qual tem um filho-Américo-nascido no Brasil, e que é oficial na armada portuguesa.

Entre os indios, ilegalmente e a despeito das ordens formais da metrópole, reduzidos à escravidão, ha n'aquelle fazenda um tal Iberé, notável guerreiro Tamoy, e uma bellissima moça da mesma tribo-índia qual está namorada sem que ella o suspeite. Elia, no contrario, ama e é correspondida por Amerigo, tendo crescido e vivido juntos. O oficial confia o seu amor ao pae, o qual, naturalmente se oppõe a tal unio, e quer, ao contrário casal-o com a duquesa de Rével, nobre e riquíssima senhora francesa que vivia em Nictheroy.

N'esse tempo, chega ao conde Rolando notícia que no Guanabara os indios se agitavam de novo, e ameaçavam uma revolta geral.

O conde, temendo que na sua fazenda possam também os indios revoltar-se, pergunta a João Félix, feitor principal, se entre elles existe algum que se mostre rebeldes e possa com a palavra e o exemplo amotinar os outros; e ouvindo do feitor que già ali um tal Iberé, concede uma idéa diabolica. Decide casar a força Ilaria com Iberé e manter vendel-os lá para o Guanabara, meantime assim dois provéitos em um sacco; isto é: tornando impossível o casamento de Ilaria com Amerigo, e desembarcando-se de Iberé de quem temia.

N'esse interím, sucede que Iberé tenta fugir da fazenda, mas é agarrado pelos capangas e vai ser surrado, quando Amerigo intervém, perdona e acaricia o poiso indio, que prostra a morte à vergonda do chicote. Iberé jura por isso eterno gratitude ao seu salvador.

Chegada a notícia de que os indios no Guanabara estão preparando um movimento, Amerigo tem de voltar para o seu posto na esquadra, e insiste de novo com o pae para que lhe permita casar-se com Ilaria.

O conde, para ganhar tempo, promete-lhe que, se depois de um anno, frequentando de novo a casa da duquesa de Rével, elle ainda estiver firme no propósito de dar o seu noce a Ilaria, dará então também elle o seu consentimento para tal matrimônio. Amerigo parte contentíssimo, mas, apesar dista longa, o pae obriga com violencia Ilaria a casar com Iberé, na capelinha da fazenda, e manda-o logo depois para casa de um juiz, Samuel, que vivia lá em Nictheroy, e que, secretamente, comprava e vendia indios escravizados.

Em Nictheroy que sentia compaixão do admirável Cotigny, por humanidade e também por despieque contra os portugueses que em 1860 haviam expulso da ilha do Urucu-Mirim (hoje Villegaignon) os franceses colligados com os Tamoyos, comprava quantos indios possia, para dar-lhos a liberdade.

Com muitos outros comprou Iberé e Ilaria e para libertal-os fixou o dia dos seus annos, no qual deu uma festa para que, convidei, além dos poucos cavalheiros franceses que então viviam no Guanabara, o conde Rolando e Amerigo, com quem nutria esperança de casar-se.

No momento de dar a liberdade aos escravos, ficam todos maravilhados e mortificados pelo inesperado encontro: o conde, porque teme o filho venha a descobrir a traição que praticou; a duquesa, por descobrir que a sua rival era uma

são fornecidos pelo *Evening Corn Trade List*. Um periódico francês, que tem grande importância em assuntos commerciais (*le Bulletin des Halles*), calcula a produção d'este anno em 762 milhões em vidas 702 mencionados pelo jornal inglês. Ista uma importante folha alemã, também commercial, a *Berliner Börsen Zeitung*, que dá uma produção, para este anno, de quasi 731 milhões.

Segundo o *Bulletin des Halles*, dos 702 milhões de hectolitros de trigo foram produzidos: na Europa, 494 milhões; na America, 196 milhões; na Asia, 111; na África (Argel e Egito) 111 milhões; e na Australia, 10. Os países de Europa de maior produção foram: França (112 milhões), Russia (73), Austria-Hungria (50), Espanha (43), Itália (43), Alemanha (33), Inglaterra (29), Rumania e Bulgária (15) e Turquia Europeia (12).

N'uma publicação oficial da Austria-Hungria encontra-se uma estatística muito interessante sobre a relação entre a colheita e o consumo do trigo em vários países.

Segundo esses dados, os diversos trigos passam entre 76 e 78 kilogrammas por hectolitro, feita assim a redução a quintais métricos de cem kilogrammas, a Inglaterra,



MENÚ DO BANQUETE OFERECIDO A SANTA-ANNA-NÉRY, E ILLUSTRADO POR AUGUSTO PINA.

por exemplo, produz um pouco mais de 24 milhões de quintais; a sua superfície cultivada de trigo pouco excede um milhão de hectares, o que vem a ser equivalente a 24 quintais por hectare; precisa aquelle país de importar somente 160 milhão grammas.

No mesmo estatística ve-se que alguns outros países, mesmo dentre os grandes productores, têm déficit de trigo para o seu consumo, tais são a França, que precisa importar 8 milhões de quintais; a Alemanha, 9 milhões; a Itália, 10 milhões; e a Austria, também 10 milhões. A publicação a que aludimos (*Mittheilungen des Königl. amgar. Handelsministeriums pag. 808*) quando se refere a Portugal, dá interrogações nas columnas que se referem à superfície cultivada, produção media por hectares e produção total: apenas diz que o nosso consumo é quasi 6 milhões de hectolitros ou 4 112 milhões de quintais, que presumes importar mais de um milhão, e que a media do nosso consumo por habitante é 90 kilogrammas (dando-nos uma população de 5 milhões de habitantes).

GUERLAIN de PARIS

15, rue de la Paix. — ARTIGOS RECOMMENDADOS

Interessante Descoberta Parisiense
da PARFUMERIE-ORIZA
de L. LEGRAND, 207, Rue St-Honoré, PARIS

PERFUMES-ORIZA SOLIDIFICADOS
12 PERFUMES
DECICIOSOS
Sob forma de Lapis
e Pastilhas
Basta esfregar levemente os objectos para
perfumá-los instantaneamente.

LISTA DOS PERFUMES CONCRETOS:
VIOLETTE DU CZAAR. Jockey-Club Regalo.
JASMIN DESPAGNE. OPOONAX id.
HELIOTROPE BLANCO. CAROLINE id.
LILAS DE MAI. MICHARDISE id.
FOIN COUPÉ. IMPÉTRATRICE id.
ORIZA-LYS. ORIZA-DERBY id.
DESCONFIQUE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

A fórmula é estraga em cada frasco de perfumeira e fabricada



Água de Colonia Imperial. — Sapocetti, sabonete do tonedor. — Crema jacchino (*Ambrosia Grecque*) para a barba. — Grémido Morango para amaciar a pele. — Posé Oporti para brancura suave. — Stibadiado para azeite de óleo de coco. — Agua Althea para o cabelo e barba. — Agua Althea com água Luteal para perfumar e limpar a cabeça. — Nardo Chiribana. — Agua Rose. — Ramillete do Clister. — Heliotrope branco. — Exposito de Paris. — Imperial Rose. — Imperial do Brasil, para o louro. — Agua de Colonia Imperial Russa. — Agua do Odore o agua do Chipre para o louro. — Alcoolato de Cachearia, para a boca.

T. JONES

23, Boulevard des Capucines, 23

PARIS

Fabricante
de Perfumaria Inglesa
EXTRA-FINA

EXTRACTOS COMPOSTOS

IMPERIAL RUSSA

ESS. DU QUET

VICTORIA

DAPRICE

CHYPRE

RUBUS

PARADIS

W. Delissey
etc.

Especialidades

de

T. JONES

Fluide Latif

Produto sem agente para amaciar
e preservar a pele qualquer irritação.

La Juvenile

Pra sem melhuma mistura química para os
cuidados de rosto aderente e invisível.

Lily Wash

Pra embellecer e dar brilho e frescor os homens.

Latif Cream

Conserva-se perfeitamente sob todos os climas.

Superior a todos os Cold-Cream conhecidos.

Aqua de Toilette Jones

Tonica e Refrigerante.

Elixir e Pasta Samohti

Dentífrico, antiséptico, Bramante de dentes, impede a carie e o tartaro.

T. JONES

23, Boulevard des Capucines, 23

PARIS

Fabricante
de Perfumaria Inglesa
EXTRA-FINA

EXTRACTOS COMPOSTOS

BENETHING NEW

NEW MORN MAY

STEPHANOTIS

OPOONAK

VIOLETS

AIDA

W. ROSE

JUBILEE

etc.

LA CHARMERESSE

Per refrigerante, e non pousa ultra das pés do batista. A composição absolutamente nova no ponto de vista de batista, a sua suave, empolgante e a sua perfeita aderência fazem reconhecê-la como um dos pocos perfumes de batista de verdade, servindo o distinto de camisa e batista perfeitos como por exemplo todos os Imperfumes existentes, néctar, turmalina, etc.) Paris é birthlo da sua, bals. ou capuchinho, salvo em **CHARMERESSE CONCENTRADA** e solidificada em gelo, muito aderente. **CHARMERESSE NOVIDADE** — **DUBREU**, Inventor, Rue J.-J. Rousseau, n.º 2, Paris. — Em Lisboa: GODFROT, Rua Garrett, 6; BENARD, Rua Garrett, 76; SEP. & C. & Cia, Praça do Rossio (Rádio), com prêmios internacionais de Lisboa e Brasil.

Le Gérant : P. MOUILLOT.

PARIS. — IMPRENSA P. MOUILLOT, 13, QUAI VOLTAIRE.